Globethics Repository



Scheler, os valores, o sentimento e a simpatia [Scheler, values, feelings and sympathy]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Barbosa de la Cadena, Nathalie
Publisher	UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-17 17:51:29
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/234328

Scheler, os valores, o sentimento e a simpatia

Nathalie Barbosa de la Cadena
Professora da UFJF

RESUMO: O artigo apresenta de maneira sucinta a compreensão de Scheler sobre os valores, sua hierarquia, o papel do sentimento na intuição dos valores, e a importância da empatia e da simpatia como instrumentos da intersubjetividade. Os valores são a priori, intuídos pelo sentimento, e nos atos de preferir e postergar, segundo a hierarquia de valores, realizam os valores superiores. É através da empatia que o outro é reconhecido, e é através da simpatia que 'sentimos com' e 'simpatizamos com', o que permite dirigir-se aos outros e realizar emocionalmente a Humanidade.

Palavras-chave: Scheler, valores, hierarquia de valores, sentimento e simpatia

ABSTRACT: The article briefly describe Scheler's comprehension on values, its hierarchy, the role of feeling on the intuition of values, and the importance of empathy and sympathy as instruments of intersubjectivity. The values are *a priori* intuited by feeling, and by the acts of preferring and postponing, according to the hierarchy of values, realize the higher values. It is through empathy that the other is recognized, and it is through sympathy that it's possible to 'feel with' and 'sympathize with', which allows to direct yourself to the others and emotionally realize Humanity.

Keywords: Scheler, values, hierarchy of values, sentiment and sympathy

Para Scheler, assim como as coisas têm suas *essências* que determinam o que são, são também portadoras de *valores*. A diferença é que a *essência* é uma qualidade(s) ou característica(s) que define a coisa, é o seu núcleo invariante; já o *valor* é aplicado aos objetos, o objeto suporta o valor, ou ainda, o objeto é acompanhado pelo valor. Tais objetos são chamados de *bens*. Os seres humanos percebem esses valores que, por sua vez, provocam um *estado sentimental* de *prazer* ou *desprazer*. Tais estados sentimentais são, então, relacionados às *qualidades* do *agradável* e *desagradável*. Nas palavras de Scheler:

> Así como – en la actitud natural – nos son "dadas" en el dominio teorético las cosas, así también en el dominio práctico nos son dados los *bienes*. Sólo en segundo término nos son dados los *valores* que *sentimos* en esos bienes y a su vez este "sentir de ellos"; totalmente independiente y sólo en *tercer* lugar nos es dado el respectivo *estado sentimental* de placer o desplacer que referimos al efecto de los bienes sobre nosotros (ya sea ese efecto una excitación *vivida*, ya sea pensado causalmente). En *último* son dados los estados – entretejidos con esos otros estados de placer e desplacer – del "sentimiento" específicamente *sensible* (...) Los últimos son aprehensibles separadamente porque miramos hacia diversas partes del cuerpo dotado de extensión y miembros (...) y luego enlazamos (...) los estados sentimentales periféricos con las cualidades de lo agradable, o con cualidades entretejidas en los bienes. [1]

Sendo assim, não é possível definir a essência dos valores éticos, pois eles se manifestam na experiência vivida de um determinado sujeito. Somente como *fenômenos* se deixam captar. Isso não significa, no entanto, que sejam relativos ao sujeito. Os valores não têm origem no sujeito, mas são vivenciados pelo sujeito de modo semelhante às essências. E, assim como as essências, são *a priori*, universais e necessários. Em *O posto do homem no cosmos*, Scheler afirma:

> Todo el libro está gobernado por una concepción general que es también uno de los sustentáculos de su ética: la tesis de que, al lado de las leyes causales y de la dependencia psicofísica que ligan la vida emocional a los fenómenos corporales, hay otras de índole autónoma que rigen ciertas formas superiores de lo emocional y les confieren un sentido irreductible a cualquier relación psicofísica.[2]

[1] SCHELER, Max. *Ética – Nuevo ensayo de fundamentación de un persolalismo ético*. Tradución de Hilario Rodríguez Sanz. Madrid: Caparros Editores, 2001. p. 117.
[2] SCHELER, Max. *El puesto del hombre en el cosmos*. Traducido por José Gaos. Buenos Aires: Editora Losada, 1994. p.8.

Assim, Scheler evita qualquer relativismo. Os valores e as regras que regem suas relações são dados, são detectados a partir das vivências, não são fundados na experiência, não são descobertos num processo indutivo. Wojtyla comenta:

> Trata-se na ética do que *é* bom ou mau, do próprio bem ou mal moral como tal. Nesse sentido, não podemos obter indutivamente o bem e o mal a partir dos dados empíricos, razão pela qual – como afirma Scheler – devem dar-se *a priori*. Scheler, porém, não põe este apriorismo além da experiência em geral mas apenas além da experiência que constitui o dado de partida das ciências exatas.[3]

É evidente que Scheler, assim como Husserl, não define *a priori* da mesma forma que Kant. O *a priori* fenomenológico é intuído, não "fabricado" pelo entendimento. Os valores e as conexões entre eles se fundam nas essências. Segundo Scheler, o que pode ser apreendido através deles é o *logos* que enforma o universo.

> El asiento proprio de todo el *a priori* estimativo (y concretamente moral) es el *conocimiento del valor, la intuición del valor* que se cimenta en el percibir sentimental, el preferir e, en último término, en el amar y el odiar, así como la intuición de las conexiones que existen entre los valores, entre su ser "más altos" y "más bajos", es decir, el "*conocimiento moral"*. Este conocimiento se efectúa, pues, mediante funciones y actos *específicos* que son *toto coelo* distintos del percibir y pensar, y constituyen el único *acceso* posible al mundo de los valores. Los valores y sus jerarquías no se manifestan a través de la "percepción interior" o la observación (en la cual es dado únicamente lo psíquico), sino *en* un intercambio vivo y sentimental con el *universo* (bien sea éste psíquico o físico o cualquier otro), *en* el preferir y postergar, *en* el amar y el odiar mismos, es decir, en la trayectoria de la *ejecución* de aquellos actos intencionales.[4] (grifo meu)

Os valores não são uma ficção do sujeito ou um acidente do objeto. Os valores são qualidades objetivas que se dão a partir da vivência dos *bens*, são autônomos e independentes. Na verdade, os valores são universais manifestos no mundo, nos *bens*, e os seres humanos são capazes de intuí-los, de perceber sua objetividade. Assim, os valores e suas conexões não se confundem com os objetos e situações empíricos, são qualidades ou essências "encarnadas" nos *bens*.

---

[3] WOJTYLA, Karol. *Max Scheler e a ética cristã*. Tradução de Diva Toledo Pisa. Curitiba: Champagnat, 1993. p. 17.

[4] SCHELER, Max. *Ética – Nuevo ensayo de fundamentación de un persolalismo ético*. Tradución de Hilario Rodríguez Sanz. Madrid: Caparros Editores, 2001. p.127.

O valor de *agradável*, por exemplo, se manifesta em diversas situações diferentes: quando após uma longa caminhada num dia quente e úmido, podemos descansar; ou quando estamos com muita fome e comemos nossa comida favorita. Nessas situações é evidente que o valor *agradável* está presente, mas não somos capazes de definir exatamente o que ele é, não somos capazes de reduzi-lo a termo. Não podemos dizer que agradável é descansar ou saborear, mas conseguimos perceber algo em comum nessas situações. O que nos permite ter essa percepção?

Para Scheler, o *sentimento* é o "órgão" dos valores. Os valores e as conexões entre eles são percebidos pela *intuição emocional* no momento da vivência, nos *atos de preferir* e *postergar*, *amar* e *odiar*. Simplificando: os valores são apreendidos pelos sentimentos, e o lugar do sentimento é o *espírito*, mais precisamente a *zona emocional do espírito*. Não é a razão que toma a frente nesse processo, e esse é um dos motivos pelos quais não é possível aplicar o método das ciências naturais ao conhecimento prático. A razão apenas se admira da riqueza dos valores, reconhece que cada coisa tem seu valor, descobre uma rede de valores e aprecia tal complexidade, mas não é capaz de evidenciá-los, apreende-los ou defini-los.

A conduta moral, o *querer moral*, acha-se fundado sobre o conhecimento do valor, que possui seu próprio conteúdo *a priori* e sua própria evidência, de modo que o *querer* se acha dirigido primariamente à realização de um valor dado naqueles atos. E, somente enquanto este valor é dado faticamente na esfera do conhecimento moral, o *querer* é algo moralmente claro, a diferença do querer "cego", ou melhor, do impulso "cego". Assim, pode estar dado um valor ao perceber sentimental e ao preferir, nos graus mais diversos de adequação, até chegar ao "estar dado por si mesmo", coincidindo com a evidência absoluta. Se o valor mesmo está dado, o querer resultará necessário em seu ser, segundo uma *lei essencial*. E neste sentido – unicamente neste sentido – "*se puede restaurar el principio socrático, a saber: que todo "querer bueno" está fundado en el "conocimiento de lo bueno", y – respectivamente – todo querer malo descansa en un engaño y extravío morales.*"[5]

Desse modo, Scheler separa o conhecimento moral do conhecimento teórico. A moral tem autonomia, fundamento e método próprios, e principalmente um "órgão" próprio, o *sentimento*.

[5] SCHELER, Max. *Ética – Nuevo ensayo de fundamentación de un persolalismo ético*. Tradución de Hilario Rodríguez Sanz. Madrid: Caparros Editores, 2001. p.128.

Os atos primordiais do *espírito* são a intuição das essências, na dimensão teórica, e a intuição dos valores, na dimensão prática. Este centro ativo é o que caracteriza a *pessoa* tanto para Husserl como para Scheler.

Mas há uma diferença entre Husserl e Scheler quanto ao papel do conhecimento no direcionamento da vontade. Husserl deixa bastante clara sua posição em favor da plena autonomia da razão, mais a semelhança de Kant do que de Scheler, cito:

> La vida personal verdaderamente humana se despliega a través de diversos grados de toma de conciencia y de responsabilidad personal, desde los actos de forma reflexiva, pero todavía dispersos, ocasionales, hasta el grado de toma de conciencia y de responsabilidad universal: en este nivel la conciencia aprehende la *idea de autonomía*, la idea de una decisión voluntaria: la decisión de imponer al conjunto de su vida personal la unidad sintética de una vida colocada bajo la regla de la responsabilidad universal de sí mismo. La decisión correlativa es formarse como yo verdadero, libre, autónomo, es decir, realizar la razón que le es innata, realizar el esfuerzo de un fiel a sí mismo, de poder permanecer idéntico a sí en tanto que ser racional. En todo esto se persigue la inseparable correlación entre persona individual y comunidad, gracias a su solidaridad inmediata y mediata en todas las líneas de intereses: ellas son solidarias en la concordancia como en la discordancia, y en la necesidad de no realizar plenamente la razón de a la persona aislada, sino como razón de la persona en comunidad (y recíprocamente).[6] (grifos meus)

Scheler, por outro lado, dá a entender que o conhecimento dos valores morais conduz ao agir moral. O que pretendo ressaltar é que, para Husserl, o conhecimento dos valores é condição necessária, mas não suficiente para o agir moral. O sujeito tem plena autonomia para, mesmo conhecendo os valores, agir contra eles. Para Scheler, o conhecimento tem maior influência, o homem deixa de eleger os valores superiores por equívoco ou ilusão.

Outra observação importante é sobre a função dos *sentimentos*. Os sentimentos são o ponto de partida para a intuição e conhecimento dos valores, mas isso não significa que Scheler admita um caráter passivo para o sujeito, que apenas admiraria os valores manifestos nos objetos. Scheler dá ao espírito função ativa. O espírito ilumina os valores vivenciados e, além de sentir, prefere e posterga, ama e odeia. Os seres humanos não se limitam a responder aos estímulos da vida natural, mas podem se libertar deles, podem conhecer as coisas segundo sua essência e valor, e formular hipóteses diversas para a realização dos valores. O espírito é o que distingue o homem dos objetos e dos animais, é a causa da sua autonomia. Nesse sentido, Goma afirma que "*el hombre se diferencia esencialmente de los animales porque por encima*

[6] HUSSERL, E. *Invitación a la fenomenología. La filosofía como autorreflexión de la humanidad.* Traducción Elsa Tabernic. Barcelona: Universidad Autónoma de Barcelona, 1998.p. 136.

de su vida y en oposición a ella está constituido por un espíritu, a cuyo centro activo se puede llamar persona."[7] O espírito reconhece os valores e compreende sua ordem, mas pode encontrar maneiras diversas de realizá-los.

Na *Ética*[8], Scheler afirma que há basicamente quatro níveis na *hierarquia de valores*. O primeiro inclui a série do agradável e desagradável. Corresponde a função do *perceber afetivo sensível*, com seus modos, o gozo e o sofrimento; e corresponde a esta série de valores estados afetivos dos *sentimentos sensíveis*, prazer e dor. É importante destacar que esta série de valores não é relativa ao ser humano, às coisas ou aos processos concretos do mundo real. A diferença dos valores, mesmo de agradável e desagradável, é uma diferença *absoluta*, claramente perceptível antes do conhecimento dessas coisas agradáveis ou desagradáveis. É preciso lembrar que, para Scheler, os valores estão manifestos nas coisas, mas são *a priori*. Assim, o que se pode "explicar" é unicamente o enlace do *estado* afetivo que acompanha determinados impulsos de ação dirigidos à coisa, nunca os valores mesmos e sua ordem de preferência. Pois esta ordem é válida independentemente de toda organização humana.

O segundo nível é composto pelos valores da *sensibilidade vital* que corresponde ao conjunto de valores do *perceber afetivo vital*. Os valores de coisas nessa modalidade são todas aquelas qualidades compreendidas na antítese *nobre-vulgar*. Compõem esses valores, todos aqueles valores que se acham situados na esfera do *bem* e do *bem-estar* e que estão subordinados ao nobre e vulgar. E, acompanham os *estados* do *sentimento vital*, por exemplo, vida ascendente e descendente, saúde e enfermidade, velhice e morte, esgotado, vigoroso, alegre, aflito, angústia, vingança, cólera etc.

No terceiro estão os valores espirituais vivenciados pelo *sentimento axiológico* guiados pelo amor e pelo ódio. O reino dos *valores* espirituais está apartado do corpo e do contorno, e se manifestam como unidade. Ademais, sua percepção leva a clara evidência de que os valores vitais devem ser sacrificados perante eles.

> Los actos y funciones en que los aprehendemos son funciones del percibir sentimental *espiritual* y actos de preferir, amar y odiar *espirituales*, que se diferencian de las funciones y actos *vitales* sinónimos, tanto fenomenológicamente,

[7] GOMÁ, Francisco. *Scheler y la ética de los valores.* In Historia de la ética - La ética contemporánea. Vol. 3. Barcelona: Editorial Crítica, 2003. p. 297-326. p. 304.
[8] SCHELER, Max. *Ética – Nuevo ensayo de fundamentación de un personalismo ético*. Tradução de Hilario Rodríguez Sanz. Madrid: Caparrós Editores, S.L., 2001.p. 173-179.

> como también por sus *leyes* peculiares (*irreductibles* a cualquier tipo de leyes "*biológicas"*).[9]

Aqui estão os valores *estéticos* como o belo e o feio; o valor do puro conhecimento da *verdade*, tal como pretende realizá-los a filosofia, o valor da ciência e os valores da cultura; e o valor do *justo* e do injusto que deve servir de fundamento para uma ordem jurídica objetiva, independente de qualquer positivação. Pertencem a esses valores reações peculiares como "agradar" e "desagradar", "aprovar" e "desaprovar", "apreço" e "menosprezo", "desejo de revanche", "simpatia espiritual", como a que funda, por exemplo, a amizade.

E, por último, no nível mais elevado, o valor do sagrado e do profano cujos *estados afetivos* correspondentes são a beatitude e o desespero. Os sentimentos vinculados a esses valores são a fé e a adoração, e seu oposto, a incredulidade. Tais valores se mostram somente em objetos que são dados na intenção como "objetos absolutos". "*Con respecto a los valores de lo santo, empero, todos los otros valores son dados como símbolos suyos.*"[10]

O ato através do qual captamos originariamente os valores do sagrado é um ato de uma determinada classe de *amor*. São valores essencialmente humanos, valores de pessoas. Somente os seres humanos podem captar tal esfera de valores. Nas palavras de Scheler:

> Es de esencia para este acto el dirigirse a personas, es decir, hacia algo que reviste *forma de ser personal*, *indiferentemente* de *qué* contenido y qué "concepto" de persona se tenga presente. El valor por sí mismo en la esfera de valores de "lo santo" es, pues, esencialmente un "*valor de personas*".[11]

Nessa *hierarquia de valores*, os *valores* mais elevados são os mais duradouros, proporcionam uma maior evolução pessoal e podem ser distribuídos mais amplamente. Sendo assim, o ser humano que, reconhece a escala de valores e age *preferindo* e *postergando* valores no sentido de realizar os valores superiores, tem uma vida moral e se aperfeiçoa gradativamente. O que guia a pessoa no sentido dos valores mais elevados é o *amor*, e o que a afasta é o *ódio*. No nível mais baixo estão os valores efêmeros, fonte de prazer e dor. No topo

[9] SCHELER, Max. *Ética – Nuevo ensayo de fundamentación de un personalismo ético*. Traducción Hilario Rodríguez Sanz. Madrid: Caparrós Editores, S.L., 2001.p.176.
[10] SCHELER, Max. *Ética – Nuevo ensayo de fundamentación de un personalismo ético*. Traducción Hilario Rodríguez Sanz. Madrid: Caparrós Editores, S.L., 2001.p.178.
[11] SCHELER, Max. *Ética – Nuevo ensayo de fundamentación de un personalismo ético*. Traducción Hilario Rodríguez Sanz. Madrid: Caparrós Editores, S.L., 2001.p.178.

da escala de valores estão os valores que somente os seres humanos podem captar, os valores do sagrado, mais duradouros.

O valor ético de *bem* se manifesta no ato de realizar *valores superiores*, mais elevados na *hierarquia de valores*, são os valores *espirituais* e do *sagrado*. O valor ético do mal, ao contrário, se manifesta no ato de realizar *valores inferiores*, mais baixos na escala de valores, valores vitais e, principalmente, sensoriais. Uma consequência importante é que o *bem* está em relação com o valor, não com a coisa, ou melhor, contribui para a realização de valores superiores. Apesar de os reconhecermos e de praticarmos atos que os realizam, não somos capazes de defini-los, apenas de senti-los.

> Para Scheler esse mundo dos valores não só se encontra plenamente ordenado em sua estrutura objetiva, como também sua percepção afetivo-cognoscitiva por parte do homem se distingue por certa ordem apriorística. E trata-se de uma ordem objetiva, visto que o puro sentimento não a cria entre os valores mas apenas a capta como está disposta. A ordem se expressa em uma estrutura particular de correlações e vínculos entre os valores. Trata-se, sobretudo, de relações hierárquicas; alguns valores são, *a priori*, superiores a outros. A superioridade *a priori* de alguns valores sobre outros, percebe-a o homem emocionalmente; não apenas mediante a comparação discursiva recíproca e sim imediata e intuitivamente. Deste modo, aquele puro sentimento dos valores a que antes aludimos assume sempre o caráter de puro sentimento da superioridade ou da inferioridade de um valor.[12]

Scheler afirma que uma vida espiritual íntegra não se reduz ao conhecer e ao pensar objetivos, mas inclui também atos *puros* e leis de atos, que são independentes em sua essência e conteúdo de toda organização humana. Inclusive a *parte emocional do espírito*, o sentir, o preferir, amar, odiar e querer têm um conteúdo primordial *a priori*, que não é oferecido pelo pensar, e que a Ética deve mostrar independentemente da Lógica. "*Hay un ordre du coeur o logique du coeur, como atinadamente dice Blas Pascal, que son a priori*."[13]

Essa *hierarquia dos valores*, ou melhor, a superioridade de um valor nos é dada pelo *preferir*. Entretanto, ainda que a superioridade de um valor seja dada *no* ato de preferir, essa superioridade é uma relação ínsita à essência dos valores mesmos. Por isso é algo absolutamente invariável, ainda que as regras de preferência possam variar ao longo da história. Scheler explica que:

---

[12] WOJTYLA, Karol. *Max Scheler e a ética cristã.* Tradução de Diva Toledo Pisa. Curitiba: Champagnat, 1993. p.22.

[13] SCHELER, Max. *Ética – Nuevo ensayo de fundamentación de un personalismo ético*. Traducción Hilario Rodríguez Sanz. Madrid: Caparrós Editores, S.L., 2001.p.121.

> mediante un acto especial de conocimiento del valor, llamado "*preferir*", se aprehende la "superioridad" de un valor sobre otro. No puede decirse que la superioridad de un valor se "*percibe sentimentalmente*" exactamente como lo es el valor mismo separadamente, y que *luego* el valor superior es "preferido" o "postergado". Antes bien, la superioridad de un valor es "dada" necesaria y esencialmente tan sólo *en* preferir. [14]

Portanto, não se deve confundir o preferir com o eleger ou com qualquer *ato de tendência*. Esta tendência deve fundar-se no conhecimento da superioridade do valor. Ademais, deve-se distinguir entre o *preferir* e a *realização*. O ato de preferir pode ser consciente e acompanhado de reflexão entre vários valores dados ao sentimento, mas pode ocorrer também de modo completamente automático, como em um preferir intuitivo.

Em *Essência e formas da simpatia*[15], Scheler propõe uma visão de ser humano que evolui segundo três níveis: no mais baixo, estão os indivíduos que se dedicam aos valores sensoriais vinculados aos sentimentos de prazer e dor; no nível intermediário, estão aqueles que preferem os valores afetivos, vinculados às emoções, chamados de valores vitais que compõem a ordem da *psyque*; no nível mais elevado, o nível espiritual, estão as pessoas que realizam os valores espirituais e do sagrado.

Em *Ordo amoris*, Scheler afirma que "*O homem, antes de ser um ens cogitans ou um ens volens, é um ens amans.*" E, embora os caracteres amáveis sejam criados a partir do amor total divino, este amor não determina o amor do homem. Cabe ao homem

> apenas reconhecer a sua *exigência objectal* e sujeitar-se à *hierarquia dos caracteres amáveis* nele existentes, mas nele existentes "para" o homem, e ordenada à sua essência *particular*. Só por isso é que existe um amor caracterizado como justo e falso, pois as tendências e os actos amorosos efectivos do homem podem *coincidir* com a hierarquia dos caracteres amáveis, e também *contrapor*-se-lhe – podemos igualmente dizer: poder sentir-se e saber-se em união ou separado e em contradição com o amor, com que Deus já amava a ideia do mundo, isto é, o seu conteúdo, antes de o ter criado, e com que Ele o conserva em cada segundo. Se o homem, no seu amor fáctico ou na ordem construtiva dos seus actos amorosos, no preferir e no postergar, inverte esta ordem em si subsistente, inverte ao mesmo tempo – pelo que lhe toca –, quanto à intenção, a própria ordem cósmica divina. E onde quer que ele

[14] SCHELER, Max. *Ética – Nuevo ensayo de fundamentación de un personalismo ético*. Traducción Hilario Rodríguez Sanz. Madrid: Caparrós Editores, S.L., 2001.p.152.
[15] SCHELER, Max. *Esencia y formas de la simpatía*. Traducción directa del alemán: José Gaos. Buenos Aires: Editorial Losada, S.A., 2004.

> a inverta, inverte também necessariamente o seu mundo enquanto objecto possível de conhecimento e o seu mundo enquanto campo do querer, da acção e da obra.[16]

Antes de passar a intersubjetividade, uma observação: o fato de todos os seres humanos serem capazes de vivenciar os valores nos objetos e de compreender essa *hierarquia de valores*, não significa que todos sintam os valores de uma única maneira. Somos como *mônadas* que refletem o mundo a partir de uma perspectiva única. Cada pessoa tem a sua maneira singular e inconfundível de ver compreender os objetos, as relações, as situações e os outros. Por isso, para evitar o relativismo, é tão importante para Scheler compreender os valores como manifestos nas coisas.

A convivência permite aos seres humanos não apenas se reconhecerem através da *empatia* como estabeleceu Husserl e Stein, mas segundo Scheler há uma *participação afetiva* que permite a uma pessoa sentir a alegria ou tristeza alheia, chamada de *simpatia*[17]. A simpatia é a "*unificación afectiva*"[18] que fundamenta o sentir o mesmo que o outro.

A *unificação afetiva* não se dá sempre e simultaneamente em todos os estados concretos do sujeito. Pode dar-se segundo casos concretos: com todos os viventes, uma família, com um povo, com a humanidade etc. Mas há características comuns: seu curso é subconsciente, sua produção é automática (não livre), e é incluída subjetiva e objetiva na esfera da consciência vital.

Embora tenha essas características, a *simpatia* deve ser praticada, aprimorada pelas vivências, para que seja possível cada vez mais *participar* do sentimento do outro. Neste sentido, Scheler fala de uma *lei básica da evolução dos sentimentos* que se aplica ao desenvolvimento da criança para o adulto, do animal para o homem e do primitivo ao civilizado. Quanto mais capaz de participar do sentimento do outro, quanto mais intensa é a unificação afetiva, maior o desenvolvimento.

A *simpatia* tem, portanto, duas formas: *sentir com o outro* e *simpatizar com*. Primeiro *sentimos com o outro*, depois *simpatizamos com*. '*Simpatizar com'* traz a nossa consciência o caso particular do *outro*, e também uma *realidade* igual a nosso próprio *eu*. Ter por igual esse real é a base do movimento do amor espontâneo ao ser humano, isto é, do amor a um ser

---

[16] SCHELER, Max. *Ordo Amoris*. Tradutor: Artur Morujão. Disponível em http://www.lusosofia.net/textos/scheler_ordo_amoris.pdf [acesso em 14 de novembro de 2009].

[17] SCHELER, Max. *Esencia y formas de la simpatía*. Traducción directa del alemán: José Gaos. Buenos Aires: Editorial Losada, S.A., 2004.

[18] SCHELER, Max. *Esencia y formas de la simpatía*. Traducción directa del alemán: José Gaos. Buenos Aires: Editorial Losada, S.A., 2004. p. 125.

meramente porque é ser humano, porque tem face humana. '*Sentir com o outro'* não é o suficiente, pois podemos perfeitamente sentir com um ator numa peça de teatro, sentir as mesmas alegrais e tristezas de um personagem do cinema. Entretanto, não podemos *simpatizar com* eles.

> Pues la simpatía está ligada por *ley esencial* con el *tener por real* al sujeto con quien se simpatiza. Desaparece, pues, cuando en lugar del sujeto tenido por real aparece un sujeto dado como ficción, como "imagen". La plena superación del autoerotismo, del egocentrismo timético, del soplipsismo real y del egoísmo tiene lugar precisamente *en el acto* del simpatizar. La "realización" emocional de la Humanidad como un género tiene, por ende, que haberse llevado a cabo en la simpatía para que sea posible el amor al hombre en este específico sentido. [19]

Através da *simpatia* a pessoa é capaz de transcender a sua individualidade a participar dos sentimentos do outro, para, logo em seguida, simpatizar com o outro e, guiada pelo amor, identificar-se e dirige-se aos outros seres humanos, e então, realizar emocionalmente a Humanidade.

[19] SCHELER, Max. *Esencia y formas de la simpatía*. Buenos Aires: Editorial Losada, S.A., 2004. p.128-129.

Referências:

GOMÁ, Francisco. *Scheler y la ética de los valores*. *In* Historia de la ética - La ética contemporánea. Vol. 3. Barcelona: Editorial Crítica, 2003.

HUSSERL, Edmund. *Ideas relativas a una fenomenoloía pura y una filosofia fenomenológica*. Traducción José Gaos. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1993.

_____. *Invitación a la fenomenología. El artículo «Fenomenología» de la Enciclopedia Británica*. Traducción Antonio Zirión. Barcelona: Universidad Autónoma de Barcelona, 1998.

_____. *Meditaciones Cartesianas*. Traducción: José Gaos / Miguel García-Baró. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1985.

_____. *Conferências de Paris*. Tradutores: Artur Morão e António Fidalgo. Lusofonia, 1992. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/husserl_conferencias_de_paris.pdf
Acesso em: 28 de julho de 2009, 23:43.

_____. *A Europa sob o Signo da Crise e da Renovação*. Tradução: Pedro M. S. Alves / Carlos Aurélio Morujão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2006.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Tradução: Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

_____. *Crítica da Razão Prática*. Tradução Valerio Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *Groundwork of the Metaphysics of Morals*. Translated by Mary Gregor. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

SCHELER, Max. *Esencia y formas de la simpatía*. Buenos Aires: Editorial Losada, S.A., 2004.
_____. *Ética – Nuevo ensayo de fundamentación de un personalismo ético*. Traducción Hilario Rodríguez Sanz. Madrid: Caparrós Editores, S.L., 2001.

_____. *Ordo Amoris*. Tradutor: Artur Morujão. Disponível em http://www.lusosofia.net/textos/scheler_ordo_amoris.pdf [acesso em 14 de novembro de 2009].

_____. *El puesto del hombre en el cosmos*. Traducido por José Gaos. Buenos Aires: Editora Losada, 1994.

WOJTYLA, Karol. *Max Scheler e a ética cristã*. Tradução de Diva Toledo Pisa. Curitiba: Champagnat, 1993.